



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE HISTÓRIA**

JULIANA GEMELLI SILVA

**A REINVENÇÃO DA MULHER:
AS LETRAS ORDINÁRIAS DE CANDACE CAMP**

ERECHIM

2014

JULIANA GEMELLI SILVA

**A REINVENÇÃO DA MULHER:
AS LETRAS ORDINÁRIAS DE CANDACE CAMP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História da Universidade Federal da
Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título
de Licenciatura em História.
Orientador: Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza

ERECHIM

2014

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Silva, Juliana Gemelli
A Reinvenção da Mulher: As letras ordinárias de
Candace Camp/ Juliana Gemelli Silva. -- 2014.
49 f.

Orientador: Fábio Francisco Peltrin de Souza.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História
, Erechim, RS , 2014.

1. História. 2. Literatura. 3. Literatura Ordinária.
I. Souza, Fábio Francisco Peltrin de, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

JULIANA GEMELLI SILVA

**A REINVENÇÃO DA MULHER:
AS LETRAS ORDINÁRIAS DE CANDACE CAMP**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
12/12/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza - UFFS

Prof.^a Me. Débora Clasen de Paula – UFFS

Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro - UFFS

Aos meus familiares e amigos mais próximos e
ao meu "Schatzi", pessoas sem as quais
minhas conquistas não teriam sentido.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza, meu orientador, por toda a paciência e ajuda para a realização deste trabalho. Por compartilhar conhecimentos e materiais bibliográficos comigo enquanto confiava na minha ideia inicial de pesquisa. Gostaria de dizer “ao querido mestre”, contudo, estaria diminuindo o título conquistado pelo Prof. Dr. Feltrin.

À minha família que me apoiou na construção desta pesquisa, ouviu minhas lamúrias e me incentivou a continuar. Meu pai Walter Silva Filho, minha mãe Silvia Regina Gemelli Silva e à minha irmã Nathália Gemelli Silva.

Ao meu namorado Adair Breitz, por toda a paciência, ajuda e compreensão durante a elaboração deste trabalho.

Aos professores do curso e do colegiado de História que acompanharam minha caminhada até este momento, me instruindo e guiando.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram e auxiliaram para a conquista desta etapa e construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

“Que desgraça ser mulher! Entretanto, a pior desgraça quando se é mulher é, no fundo, não compreender que sê-lo é uma desgraça.” (Kierkegaard)

RESUMO

A mudança de significação de conceitos tão comumente usados no dia-a-dia, como a palavra mulher, pode ocorrer por diversas maneiras, inclusive através de obras literárias. A escritora texana Candace Camp, autora de diversos livros que compõe o que chamamos de literatura ordinária – narrativas românticas que fogem da escrita científica – busca reinventar o sentido de mulher ao negar grande parte da revolução feminista ocorrida em seu contexto e retornar ao século XIX para tratar da figura feminina. A partir disso, o objetivo dessa pesquisa irá centrar-se em buscar possíveis razões para as quais a autora norte-americana está recriando a figura feminina e demonstrando que todas as personagens precisam cumprir com seu destino que acaba sendo o matrimônio. Para tanto, será realizada uma análise das protagonistas das obras ficcionais em conjunto com bibliografias que tratem da questão da Literatura, Literatura Ordinária, conceitos atribuídos para a mulher, século XIX e XX e o matrimônio.

Palavras-chave: Literatura Ordinária. Mulher. Matrimônio

RESUMEN

El cambio en los conceptos de significado como se usa habitualmente en el día a día, como la palabra mujer, puede ocurrir por una variedad de maneras, incluso a través de obras literarias. La escritora tejana Candace Camp, autora de varios libros que conforman lo que llamamos literatura ordinaria - narraciones románticas, las que huyen de la escritura científica - buscar reinventar el sentido de la mujer al negar gran parte de la revolución feminista ocurrida en su contexto y volver al siglo XIX para tratar la figura femenina. A partir de esto, el objetivo de esta investigación se centrará en la búsqueda de posibles razones por las que la autora norteamericana está recreando la figura femenina y demuestra que todos los personajes tienen que cumplir con su destino que termina en el matrimonio. Por tanto, se llevará a cabo un análisis de las protagonistas de las obras de ficción junto con bibliografías relacionadas con el tema de la Literatura, Literatura Ordinaria, conceptos asignados a la mujer, siglo XIX y XX y el matrimonio.

Palabras clave: Literatura Ordinaria. Mujeres. Matrimonio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 Das Mulheres: revisando a essência feminina	16
2.1 Mulher no século XIX	17
2.2 Constance Woodley: do solteirismo ao bom casamento.....	18
2.3 Irene Wyngate: o repúdio ao matrimônio	22
2.4 Calandra Lilles: a beleza solitária.....	25
2.5 Francesca Haughston: a viuvez bem-vinda	28
3 Se alguém tem alguma coisa para falar sobre casamento, que fale agora ou cale-se para sempre	32
3.1 Os ritos matrimoniais do século XIX	35
3.2 Candace Camp: reinventora de essências?	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

As grandes invenções surgidas no mundo sempre acarretaram em mudanças significativas na sociedade. Com a invenção de Gutemberg não seria diferente. Em pleno século XV, o inventor germânico aprimorou uma invenção chinesa conhecida como prensa de tipos móveis. Esta prensa possibilitou a impressão em massa de livros, deixando assim o costume de transcrevê-los de maneira manuscrita obsoleta. Foi um estopim para o aparecimento de um incipiente mercado literário. A venda de livros – e conseqüentemente a criação de editoras e livrarias – foi estimulada pela possibilidade da impressão em larga escala em um período que antecedia o Renascimento.

É certo que a prensa de tipos móveis já existia na China, como já foi dito, mas foi Gutemberg que a aprimorou modificando seu material original (madeira) para o metal, aumentando assim a resistência e a possibilidade de mais impressões em um dado momento. Antes do ano de 1500, vários países já possuíam a invenção do alemão e com isso cerca de quinze milhões de livros já haviam sido impressos. Nessa esteira, o historiador Roger Chartier afirmou que “Desde Gutemberg, toda a cultura ocidental pode ser considerada cultura do impresso.”¹

A leitura deixou de ser um privilégio apenas da nobreza e dos membros do clero. A população começou a ter acesso aos livros e a adentrar em um mundo literário e de conhecimento. O grande temor que se tinha da perda do conhecimento no século XVI foi sendo atenuado com a possibilidade de guardar o documento manuscrito e distribuir apenas o impresso, para assim resgatá-los do esquecimento ao qual tinham medo que caísse. Isto, é claro, acabou geralmente uma crise entre duas concepções: a de preservar o patrimônio *versus* pecar pelo excesso de informação que estava sendo distribuída. Hoje, com a extrema facilidade em se adquirir um livro, sabemos qual das duas concepções foi a ‘vencedora’ nesse embate.

O acesso mais facilitador à leitura graças aos exemplares impressos faz ganhar força o campo da Literatura. Esse campo, para Valdeci Rezende Borges, é amplo para estudos, pois “[...] como forma de expressão artística da sociedade

¹ CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001. p. 34.

possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico.”² nos auxilia no entendimento da História. A literatura, ainda que ficcional, fala muito sobre a história cultural e social de um povo, desde, é claro, que o leitor saiba lhe fazer as perguntas certas.

O historiador, ao decidir-se por analisar livros impressos que circulam nas mãos do povo, deve ter em mente a tarefa de desvelar como este foi construído, qual o público alvo, sua estrutura, condições de possibilidade e, talvez, um dos aspectos mais relevantes, sua intencionalidade. Todo livro, entendido como fonte histórica, possui uma intenção por trás de suas palavras impressas. O autor possuía uma motivação quando decidiu-se por escrever um texto com a intenção de ser publicado, e é esta a intenção que nos cabe – como historiadores – entender. São muitos os fatores que devem ser levados em conta quando é decidido estudar um livro como fonte histórica. Seu contexto acaba sendo um dos fatores mais relevantes para descobrirmos o que o escritor pretendia passar para os seus leitores e o porquê disso.

Borges, ao citar Sandra J. Pesavento, defende a ideia do livro literário como uma fonte de pesquisa para a História desde que este seja estudado a partir do tempo de sua escrita, do responsável pela autoria e do período em que foi produzida, não importando se o conteúdo fale de sua época atual, passada ou futura. Entender o meio em que livro e autor estão inseridos ajuda a desvendar as motivações que o levaram a escrever, as significações não escancaradas em palavras para a escolha do tema. Sendo o livro, então, um objeto de análise para os historiadores, por que durante tanto tempo a literatura destinada às pessoas leigas em História não era amplamente analisada? Ou quando analisada não ganhava tanta repercussão no meio acadêmico?

O objeto aqui mencionado (o livro impresso) bem como suas práticas culturais (leitura e usos) fazem parte de uma vertente da história cultural que apenas recentemente vem ganhando um destaque maior no meio acadêmico. Entender a Literatura como uma fonte histórica foi um avanço da parte da historiografia cultural.

José D’Assunção Barros ressalta que “História e Literatura sempre mantiveram relações muito próximas, mais tênues ou demarcadas conforme a

² BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. *Revista de Teoria da História*, Goiás, n.3, p.94-109, 2010. p.94.

concepção historiográfica ou o gênero de literatura [...]”³ nos lembrando também de que ambas podem manter relações muito ambíguas, chegando muitas vezes a ser questionado onde terminaria a História e onde começaria a Literatura. Para além das obras literárias consideradas clássicas e de leitura obrigatória, nos deparamos com as chamadas literaturas ordinárias. Ainda que o termo possa parecer pejorativo em um primeiro momento por nos lembrar de algo considerado vulgar, estas obras vem sendo alvo de pesquisas atuais, sendo interpretadas como fonte histórica.

A historiadora Maria Teresa Santos Cunha investigou essas literaturas ditas ordinárias observando que a linguagem empregada beira o lado da sensibilidade, “[...] despertam afetividades quase sempre com muita eficácia porque atingem emoções e, portanto, uma das instâncias mais íntimas de homens e mulheres.”⁴. Essas leituras foram, por muito tempo, desconsideradas justamente por não apresentarem em sua linguagem requisitos exigidos por alguns historiadores que julgavam ser imprescindível o uso da razão, ciência e a não emoção durante a escrita. Sendo assim, essas leituras que apelam para o lado emotivo e sensível das pessoas, estão voltadas, principalmente, para as jovens mulheres, e por isso adquirem uma capa e um título chamativo e provocante. Cunha ainda diz que essas literaturas ordinárias eram geralmente impressas em livros na versão de bolso para diminuir o seu custo e sua leitura não possuía um caráter que instigava a indagações de cunho político e existencial.

Aqui cabe a pergunta de por quê analisar livros baratos, com títulos piegas, capas provocativas e cujo público alvo são inúmeras mulheres. Justamente por alcançar um grande grupo de leitoras que é fundamental que historiadores se voltem para a análise do discurso destas obras. Enxergar para além do romance açucarado, que faz moças suspirarem ao se colocarem no lugar da protagonista, e analisar a narrativa são alguns dos meus objetivos ao escolher realizar esta pesquisa, sobretudo porque são linguagens, são objetos de cultura e, desse modo, produzem efeitos discursivos na constituição subjetiva das leitoras e leitores.

No Brasil a Editora Harlequin é uma das responsáveis pela venda de livros de bolso que compõe a categoria de literatura ordinária. Entre as obras publicadas

³ BARROS, José D’Assunção. História e Literatura: novas relações para os novos tempos. *Revista de Artes e Humanidades*, <<http://www.revistacontemporaneos.com.br>>, n.6, p. 1-27, mai./out. 2010. p.2.

⁴ CUNHA, Maria Teresa Santos. Saberes Impressos: Imagens de Civilidade em Literaturas Ordinárias (os livros de bolso/décadas de 60 e 70 do século XX). in: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*, São Leopoldo, 2007. p.2.

encontram-se livros soltos e séries da escritora norte americana Candace Camp. Dentre seus vários escritos, uma série em particular captou minha atenção e virou meu objeto de pesquisa: *As Casamenteiras*.

Totalmente por acaso, e em uma tentativa de anuviar a mente e me livrar de pensamentos acadêmicos, recorri aos livros de cunho romântico para ler. Ao ler resenhas sobre romances históricos para assim me decidir por uma leitura, me deparo com uma autora que me chama atenção pelo fato do primeiro e segundo nome começaram pela mesma consoante. Uma escolha deveras aleatória, mas que me fez chegar a uma série de livros de nome ainda mais peculiar: *As Casamenteiras*.

Comecei a ler a série pelo segundo volume. A história captou minha atenção por dois motivos básicos: meu lado sensível que se emocionou com a ideia de um amor brotando em meio a raiva – no Capítulo Um tratarei disso melhor – e por uma curiosidade em saber se toda a série fazia as mocinhas se casarem. Ao término da leitura da série pude constatar que os quatro volumes mostravam diferentes mulheres que possuíam o mesmo destino: casamento. Ainda que o motivo inicial da leitura fosse uma fuga do meio acadêmico, não pude deixar de pensar que esse padrão era interessante e passível de se tornar objeto de estudo. Ao chegar nessa conclusão, precisava saber mais sobre a autora.

Camp nasceu nos EUA em 1949, no estado do Texas. Veio de uma família de jornalistas e relata que começou a escrever algumas histórias aos dez anos de idade. Apesar de ter tratado a escrita como um hobby até a vida adulta, a autora relata nunca ter deixado de escrever. Sua primeira obra, lançada com o pseudônimo de Lisa Gregory, foi publicada em 1978. Desde então começou a encarar a escrita como uma profissão. Um fato óbvio, ou talvez nem tanto, é que esta escritora de livros românticos terminados em casamento é casada há cerca de vinte anos. Entre os vários livros já lançados e os que estão sendo criados ainda pela autora, escolhi analisar a série *As Casamenteiras*, composta por 4 volumes.

Seguindo o padrão que Cunha nos mostrou nesse tipo de literatura, a série é composta por quatro livros no formato de edição de bolso, com baixo custo, cores vibrantes na capa, mulheres reais incorporando a protagonista de cada obra em poses provocantes, e, como não poderia faltar, títulos que chamam a atenção pelo exagero. Ainda que não estivesse falando dos livros de Camp, Cunha acerta ao descrever esse tipo de literatura ao dizer que:

A leitura destas histórias sentimentais, aparecia semanalmente com uma infinidade de novos títulos e enquadrados em coleções que favoreciam a identificação e o intercâmbio. Seus argumentos são estereotipados, seus personagens arquetípicos, os valores sociais convencionais e temas amorosos que terminam canonicamente em casamento.⁵

O fato dos romances terminarem, fatalmente, em casamento nestas literaturas ordinárias será o foco da minha investigação nesse trabalho monográfico. Entender Camp em seu meio social, estudar seu texto para entender o que a leva a escrever neste ramo da literatura e as possíveis significações que suas palavras podem trazer nas entrelinhas é o que será discutido ao longo da pesquisa.

No primeiro capítulo deste trabalho irei analisar as obras *Aposta no Amor*, *Conquista do Amor*, *Bodas de Desafio* e *A Dança da Corte*, todas escritas por Candace Camp e que compõe a série *As Casamenteiras*. Após a análise irei verificar o papel e a constituição subjetiva que cada uma das personagens traz sobre si ao se denominar “mulher”. Para entrar nesses aspectos trabalharei com as questões de gênero e papéis de gênero para procurar entender melhor as personagens ficcionais criadas por Camp e as figuras femininas não-ficcionais vividas no século XIX.

No segundo capítulo irei abordar o casamento como único caminho possível para as mulheres, tanto do ponto de vista da História como da série de livros analisada. Para isso usarei historiadores que trabalham com os costumes do século XIX e com a ideia de casamento ao longo da História.

Entrando no campo das invenções e reinvenções, discutiremos como a ficção e a História por vezes se misturam ao tentar transparecer ideários de épocas passadas e atuais. Barros já dizia que “[...] a História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História [...]”⁶, sendo assim, analisaremos ambas – História e Literatura – afim de averiguar até onde uma pode interferir na outra, e, até onde juntas podem recriar o sentido de mulher na sociedade ao serem manipuladas pela mente e mãos de Candace Camp.

⁵ CUNHA, 2007, p.3.

⁶ BARROS, 2010, p.2.

2 Das Mulheres: revisando a essência feminina

*“Fragilidade, o teu nome é mulher!”
(William Shakespeare)*

*“A história da mulher é a história da
pior tirania que o mundo conheceu: a
tirania do mais fraco sobre o mais
forte.”*

(Oscar Wilde)

Para o alcance efetivo dos objetivos que norteiam este trabalho, primeiramente é preciso entender as partes que o compõe. Se busco entender a reinvenção do conceito de mulher, criada nas obras da escritora Candace Camp, primeiramente é preciso falar sobre a figura feminina de um modo geral, para depois afunilar o campo de pesquisa.

O significado do termo mulher que aqui busco não pode ficar restrita aos sinônimos que um dicionário, por exemplo, traz. É preciso entender o termo para além do sentido de ser a fêmea dos seres humanos. Mulher é mais do que uma palavra, representa as figuras femininas no mundo em cada espaço temporal. Deste modo, cada mulher atribui uma nova significação para o termo que lhe é designado. O significado do termo atribuído à figura feminina de uma rainha francesa do século XVIII não equivale ao mesmo de uma estudante de direito do século XXI, ainda que ambas sejam pessoas adultas do sexo feminino. Segundo Simone de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*.⁷

Cada mulher consegue atribuir um significado único a si mesma, por isso não é possível haver uma definição única. Mas mesmo não existindo uma única definição, cada lugar e em cada tempo houve um ideal de mulher a ser seguido. Há uma invenção de mulher, um padrão que todas as pessoas do sexo feminino deveriam seguir por ser o mais adequado para seu tempo, segundo claro, quem inventou este padrão.

⁷ BEAUVOIR, Simone de. Segundo sexo. São Paulo: Difel, 1955. p. 9.

Durante muito tempo o lugar da mulher foi nos bastidores da História, nunca sendo a protagonista, mas sim, a figura recatada e invisível aos olhos da sociedade, ficando em silêncio no espaço privado da residência. Perrot mesmo afirma que por muito tempo a imagem que se tinha era de que a “[...] invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas.”⁸ Quem fugisse deste padrão era recriminado por seu comportamento. Tendo em mente essa ideia de que a palavra mulher é uma invenção da sociedade usada para designar não apenas o sexo do ser humano, mas também um gênero que engloba aspectos culturais, irei analisar quatro personagens femininas criadas pela escritora Candace Camp.

Como visto anteriormente, Camp é uma escritora de romances norte-americana nascida no século XX durante o governo do presidente Truman e o período da Guerra Fria. Escritora desde cedo, dedicou-se aos romances históricos, situados principalmente na Inglaterra do século XIX. Seus livros normalmente trazem um padrão: as protagonistas começam a obra solteiras e acabam casadas. Esse é justamente o ponto que desejo analisar, o modo como Camp traça um padrão de mulher ideal para conseguir um marido através de personagens de um século onde o casamento era obrigatório para uma boa imagem da mulher.

Antes de analisar cada uma das personagens da série *As Casamenteiras*, uma coleção de livros da qual Camp é a autora, é interessante situarmos como era a mulher do século XIX e suas criações de padrões ideais.

2.1 Mulher no século XIX

É neste século que passará a ocorrer novas definições de papéis para os homens e para as mulheres. Suas diferenças irão ser claramente apontadas, e sua separação na sociedade ganhará novas regras. Enquanto o homem estudava fora, a mulher deveria estudar em casa, ficando reclusa em seu lar. Isso apenas vem para reforçar a ideia de Catherine Hall, onde “Para os evangélicos, o homem cuidava da vida pública; a mulher, por seu lado, era o centro do lar e da família. Eles acreditavam firmemente que o homem e a mulher nasciam para ocupar esferas

⁸ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 17.

diversas.”⁹ O lugar da mulher fica definido como sendo o espaço privado, o lar. O papel dos gêneros aqui postos passa a ser construído.

O espaço privado do lar se tornará o local próprio e natural de todas as mulheres, seja este espaço na casa do pai ou do marido. Para essas figuras femininas nascidas e crescidas no século XIX, o casamento era fundamental para sua vida e boa aparência na sociedade. Beauvoir nos diz que

A liberdade de escolha da jovem sempre foi muito restrita; e o celibato – salvo em casos excepcionais em que se reveste de caráter sagrado – abaixa-a ao nível do parasita e do pária; o casamento é seu ganhão e a única justificação social de sua existência.¹⁰

O matrimônio seria a forma da mulher garantir seu sustento pois não era bem visto pela sociedade uma mulher que trabalhasse. O trabalho só era aceito nas classes sociais mais baixas, onde a mulher precisava ajudar na renda familiar, mas mesmo assim, sua renda era do marido e normalmente trabalhava no ofício dele. Sobre essa questão de ofícios e profissões, Hall diz que:

Enquanto os homens tinham a oportunidade cada vez mais frequente de ampliar e diversificar os setores de suas empresas e se definiam por suas profissões e atividades públicas, as mulheres se distanciavam desse mundo e faziam da maternidade e da administração doméstica uma profissão.¹¹

A mulher será vista como esposa, dona do lar e mãe. Esse é o papel que irá desempenhar na sociedade do século XIX. Perrot nos dirá que “A maternidade é um momento e um estado. Muito além do nascimento, pois dura toda a vida da mulher.”¹² A figura feminina será então naturalmente a senhora do lar e tudo o que isto acarreta.

2.2 Constance Woodley: do solteirismo ao bom casamento

⁹ HALL, Catherine. Sweet Home. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 54.

¹⁰ BEAUVOIR, 1955, p. 167.

¹¹ HALL, op. cit., p. 63.

¹² PERROT, 2013, p.69.

No primeiro livro da quadrilogia *Os Cupidos – Ou As Casamenteiras* na tradução literal – aparecem os personagens que vão perpassar pelas quatro obras, mas a história em si se fixa em uma personagem central: Constance Woodley.

Neste cenário aparece Lady Haughston, uma viúva residente na sociedade londrina que recebe a fama de conseguir bom casamento para toda e qualquer jovem a quem aconselhar. Indicando as roupas certas a se usar em cada ocasião, os penteados que melhor molduram a face juvenil das debutantes, a hora certa de sorrir e falar, os convites que pode aceitar e os que precisa recusar, enfim, ensinando como se portar, Lady Haughston garantiria um ótimo genro para toda a mãe desesperada pelo casamento da filha que a procurasse. Reunindo tal fama de casamenteira, Francesca Haughston recebe uma proposta de seu amigo, duque de Rochford: garantir o casamento até o final da temporada para qualquer donzela que o duque escolher. Francesca aceita e o duque escolhe, durante uma festa, Constance Woodley – apesar de no momento não conhecer seu nome. Em sua primeira aparição no livro, é dito que Constance era

Ela não era uma mulher sem seus atrativos. Os olhos acinzentados eram grandes e expressivos, e o cabelo era castanho-escuro com mechas avermelhadas. Contudo, aos vinte e oito anos de idade, podia se considerar uma solteirona, muito além da idade normal para ser apresentada à sociedade. Não era como se pudessem usar tons pastel ou prender o cabelo em um coque adornado por lindos cachos. Na verdade, a tia Blanche preferia que Constance usasse um gorro de solteirona, mas, embora Constance normalmente cedesse e usasse o gorro durante o dia, para as festas recusava-se a usar aquele último símbolo de esperanças arruinadas.¹³

É uma mulher que vive com os tios, em decorrência da morte de seus pais. Dez anos após o que deveria ter sido o seu debute, nem ela e nem sua tia acreditam que possa achar um marido, sendo assim designada como a acompanhante solteirona das primas que começam a frequentar o mercado casamenteiro. Contudo, em decorrência da aposta feita entre Francesca e o duque de Rochford, Lady Haughston torna-se a benfeitora de Constance e começa a lhe ensinar tudo o que é necessário para se tornar atraente aos olhos dos pretendentes londrinos.

Francesca auxilia Constance na escolha de cores de vestidos, na quantidade de renda aceitável para se usar, no tamanho do decote, nos laços que enfeitara o cabelo, a quantidade de cachos a serem deixados soltos por seus

¹³ CAMP, Candace. **Aposta no Amor**. Rio de Janeiro: Editora HR Ltda. 2006. p.9.

ombros, as festas em que deve ir, os passeios vespertinos que deve aceitar, quem deve visitar, que chapéu é mais adequado a uma caminhada, enfim, tudo o que é necessário para se tornar uma moça desejável é ensinado a Constance.

Uma figura como essa representada por Constance não era incomum no século XIX. Quando da enfermidade dos pais – um deles ou ambos – normalmente as filhas mais novas eram destinadas a cuidar deles, esquecendo-se de sua vida pessoal. É dito por Candace Camp, em sua obra ficcional, que a senhorita Woodley cuidou de sua mãe enferma e por isso não teria debutado, como seria o certo a se fazer, ao chegar aos 18 anos. Entretanto, a solidão das mulheres sempre foi um assunto difícil e delicado. Era considerado que “fora do lar e do casamento não há salvação”¹⁴ para as mulheres. Constance ainda vive sob a proteção dos tios, tendo assim uma salvação na figura do tio que herdou as propriedades do irmão quando este morreria e que de tão bom grado acolhe a sobrinha. Mesmo assim, enquanto que o homem solteiro está nessa condição por vontade própria – vocação para o celibato ou para a boêmia – “a solteirona cheira a ranço”¹⁵. A condição de mulher sozinha “[...] desperta desconfiança, reprovação e zombaria”¹⁶ pois a ela ou falta-lhe encantos para conquistar um marido ou sobra-lhe encantos e os usa de forma desavergonhada.

Desta forma, Constance não oferece grandes resistências quando Francesca decide lhe ajudar a casar. Em um primeiro passeio para compras, onde as duas mulheres encontram-se só, a senhorita Woodley fala de suas desvantagens como candidata a esposa, ao que Francesca lhe retruca:

- Não espera sinceramente que eu acredite que vou sair disto com um marido.
- E por que não? — respondeu calmamente Francesca. Constance franziu o nariz.
- Não gosto de listar minhas desvantagens, mas estou certa de que elas devem ser óbvias. Não tenho fortuna. Já passei da idade de me casar e não sou nenhuma beldade. Estou aqui apenas para ajudar minhas primas a conseguirem se casar. Sou uma aia, não uma jovem no mercado casamenteiro.
- A falta de fortuna é um obstáculo — a outra mulher concordou. — Mas, com certeza, não é impossível de superar. Quanto à sua aparência, bem, se você tirasse esse gorro bobo, fizesse um penteado mais atraente e usasse algo que lhe valorizasse a beleza em vez de escondê-la, seria uma mulher muito atraente. Também

¹⁴ PERROT, M. À margem: solteiros e solitários. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 277.

¹⁵ *Ibid.*, p. 277.

¹⁶ *Ibid.*, p. 277.

não pareceria muito mais velha do que suas primas. Diga-me algo, quem decidiu que deveria usar tons pouco atraentes de marrom, cinza e cores do gênero?
 — Minha tia achou que seria mais adequado para uma solteirona.¹⁷

Deixando as cores sóbrias de suas roupas de lado, Constance começa a seguir os conselhos de Francesca – para o horror de sua tia – e passa a se arrumar conforme as ordens da benfeitora. Como não possuía muito dinheiro para comprar várias vestimentas novas, seus vestidos antigos são reformados. Nessa altura do livro ficamos conscientes da criada de Francesca, Maisie, que será a responsável nessa quadrilogia pelos penteados magníficos de Francesca e da mulher que estiver sob sua proteção. Além dos dotes em ajeitar cabelos e enfeitar cachos, Maisie será a mestra em agulhas responsável pela manutenção e reforma em vestidos, transformando algo sem graça em um vestido de baile maravilhoso.

Na primeira aparição pública, em um baile, de Constance após conhecer Francesca, Camp descreve a moça da seguinte forma:

Seu cabelo estava puxado para cima e preso em um apanhado de cachos, e alguns poucos fios formavam cachos macios ao redor de seu rosto. As mechas castanho-escuros reluziam sob a luz fraca das velas, com ocasionais reflexos avermelhados. O ramo de pequenos botões de rosas azuis que Francesca havia comprado para ela no dia anterior estava preso na base do um apanhado de cachos. O vestido azul servia perfeitamente nela, o corpete valorizando os seios, depois caindo da cintura alta em dobras graciosas que oscilavam com seus movimentos à medida que Constance andava. A empolgação lhe corava as faces e brilhava nos enormes olhos acinzentados. Ela sabia que jamais estivera tão bonita.¹⁸

Estando arrumada, parecendo mais bela e na companhia de uma das damas mais influentes na sociedade londrina, a senhorita Woodley arrumará um marido sem que aja dúvidas sobre isso. E seu principal pretendente é o irmão de Francesca, Dominic ou Lorde Leighton, que conheceu Constance antes que sua irmã pudesse lhe conduzir pelas águas traiçoeiras do mercado casamenteiro.

Como o livro se trata de um romance, uma obra para as mulheres lerem em seu tempo livre e invejarem o destino romântico que aguarda a protagonista, muitos fatos ocorrerão desde a ajuda de Francesca até o mais do que óbvio casamento de Constance. A senhorita Woodley enfrentará bailes e rituais de beleza que precedem o mesmo, terá de lidar com sua tia que prefere ver o casamento das filhas se

¹⁷ CAMP, 2006, p.28.

¹⁸ Ibid., p.44.

concretizar do que o da sobrinha, será alvo de possíveis escândalos e ainda disputará a afeição de Dominic com sua suposta noiva.

Ao término do livro, seu desfecho em nada surpreende ao vermos que a antes solteirona que não acreditava ainda poder se casar, acaba com um casamento mais do que satisfatório com o futuro conde de Selbrooke. Apesar de terem pontos em comum, a história e personalidade das quatro protagonistas da quadrilogia são bem distintas. Enquanto que Constance Woodley se encontra solteira por achar que não estava mais na idade de conseguir um marido, as outras três estarão solteiras por outros motivos.

2.3 Irene Wyngate: o repúdio ao matrimônio

Se no primeiro livro da série, Constance Woodley estava solteira por ser considerada velha demais para casar, no segundo livro encontramos uma mulher mais nova que Constance, mas que repudia o matrimônio.

Irene Wyngate será descrita como uma mulher inteligente e com fortes convicções, principalmente quando estas são contra a instituição do casamento. Lady Wyngate observou o casamento de seus pais por anos e a partir disso decidiu que seria melhor viver como uma solteirona na casa do irmão e da cunhada à se casar com algum homem. Por um lado, o pensamento de Irene assemelha-se ao de Claire Démar ao dizer que o casamento é uma prostituição por lei e que as mulheres deveriam ter mais direitos e liberdade¹⁹.

A ideia de casamento e de homens que Irene possui é mostrada desde cedo no livro, contudo, por essa passagem ficamos conhecendo bem os aspectos que ela mais despreza:

- Não, de jeito nenhum, e é por isto que me recuso a me casar.
- Mas você não seria considerada indigna de um aristocrata.
- Lorde Radbourne, você não compreende. Esposas são consideradas inferiores por todos os homens.
- Ela inclinou a cabeça para olhar para ele.
- Ele parou, olhando para ela, atônito.
- É nisto que você acredita? Ela ergueu as sobranceiras.
- Em que mais eu deveria acreditar? Oh, não estou falando das pequenas cortesias sem sentido como ficar em pé até que uma mulher esteja sentada ou caminhar na calçada pelo lado da rua para

¹⁹ PERROT, M. Figuras e Papéis. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 125.

protegê-la, falo dos assuntos fundamentais da vida de casada. Um marido toma todas as decisões para a esposa, um marido dá à esposa uma mesada para ela gastar com suas roupas e outras bobagens; ele lhe diz o que fazer e como pensar. É este o comportamento de um homem em relação a seus iguais?²⁰

Para além dos pensamentos e convicções da protagonista, temos traços fortes de personalidades demonstrados logo na primeira aparição de Irene no livro. Esta se dá quando a jovem ainda é adolescente, faltando alguns anos para o seu debute, e é acordada pelo som do pai, neste momento ainda vivo, chegando em casa e sendo esbofeteado na face por um outro homem. Em uma atitude impulsiva a jovem pega uma arma de seu pai e corre em seu auxílio. Ao separar a briga, Camp escreve que o homem que batia no Sr. Wyngate olha fixamente para Irene, pois esta

Não se dera ao trabalho de vestir um roupão sobre a camisola quando fora à biblioteca. Seus pés estavam nus e seus bastos cabelos de um louro escuro, livres dos grampos para a noite, caíam em total abandono pelos ombros e costas, em cachos despenteados.²¹

No século XIX as mulheres andavam na sociedade com suas madeixas muito bem arrumadas e presas. Flores, fitas, laços, toucas e chapéus ocupavam a cabeça das mulheres, jamais saindo em público com os cabelos soltos e despenteados. “O penteado transforma os cabelos em peça de vestuário, em objeto de arte e de moda.”²²

O cabelo solto de Irene nessa passagem do livro não pode passar despercebido. É nesse momento que fica determinado que Irene não é como as outras moças, seus cachos soltos mostram seu poder de sedução e sua animalidade. “Os cabelos são a mulher, a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução, o pecado.”²³ E sobre o contexto no qual a personagem estaria inserida, Perrot ainda diz que “Há uma erotização dos cabelos das mulheres, principalmente no século XIX, grande século do esconder/mostrar, que fortalece o erotismo.”²⁴

Adiante com a história de Lady Wyngate, iremos descobrir que o homem que lutou com o Sr. Wyngate é na verdade o herdeiro do conde de Radbourne que havia sido raptado quando criança. Já em idade adulto e descoberto pela família, Gideon

²⁰ CAMP, Candace. **Conquista do Amor**. Rio de Janeiro: Editora HR Ltda. 2007. p.89.

²¹ Ibid., p.4.

²² PERROT, 2013, p.59.

²³ Ibid., p.55.

²⁴ Ibid., p.55.

(Conde de Radbourne) precisa casar-se para dar continuidade ao nome e título que carrega.

Nessa altura do livro aparece a já conhecida Francesca Haughston, que irá ditar as maneiras corretas para que Gideon se porte na alta sociedade londrina, visto que foi criado longe dela e não está acostumado ao ambiente. Além do comportamento regrado que Gideon terá que adotar, Francesca irá auxiliar no preparo de bailes certos onde o mercado casamenteiro poderá ocorrer, além de reuniões em casas de campo regadas com passeios, jantares e bailes.

Em uma das primeiras aulas de etiqueta para Gideon, ficamos vendo o quanto a elite londrina quer se destacar dos demais com seu conjunto de regramentos:

— Na verdade, vamos começar antes disso — disse Francesca a Gideon.

— Quando se dirige à sala para jantar, deve oferecer o braço a uma dama.

— Qualquer dama?

— Oh, não, há uma ordem, é claro; o jantar de ontem foi informal, apenas a família e alguns amigos. Mas num jantar mais formal, você deve, como anfitrião, oferecer o braço à dama de posição mais elevada, o que, no caso do grupo de ontem, seria sua avó. Ela e lady Teresa são condessas viúvas, é claro, mas, devido à idade de sua avó, ela seria a primeira. E, além disso, lady Pansy é filha de um duque.²⁵

Conforme Lorde Radbourne vai aprimorando o seu porte nobre vamos vendo o interesse dele por Irene se intensificar e se tornar recíproco. Ignorando os dramas de família, traições e adultérios que tornam o livro mais interessante, o que cabe aqui analisar é o comportamento contraditório da protagonista ficcional.

Inicialmente contrária ao matrimônio, ao longo das páginas Irene vai perdendo a credibilidade em suas convicções até ceder aos pedidos de Gideon e aceitar o pedido de casamento.

Foi opinião geral que o casamento do conde de Radbourne com lady Irene Wyngate foi o casamento do ano. Talvez não tenha sido o mais imponente, já que foi feito com uma pressa indecente. Mas nenhuma despesa foi evitada e durante anos não houve um evento tão cheio de drama e boatos.

Houve o bastante para manter a cidade falando pelos dois meses entre o anúncio do noivado e o Casamento em novembro.²⁶

²⁵ CAMP, 2007, p.103.

²⁶ Ibid., p. 241.

O que Camp parece defender é a vitória do amor romântico, principalmente em um século onde os casamentos arranjados com base no interesse econômico eram comuns.

2.4 Calandra Lilles: a beleza solitária

Se Constance e Irene, as protagonistas dos dois primeiros livros da série, estavam solteiras com idades já passadas de casar, Calandra está solteira há pouco tempo. Lady Calandra debutou na idade certa, mas ainda encontra-se solteira e isso lhe aflige.

Apesar da beleza, do saber se portar na alta sociedade londrina, da fortuna que possui e do nome renomado, Calandra não possui nenhum pretendente em vista, não sendo cortejada por nenhum cavalheiro com pretensões matrimoniais.

O motivo para ainda fazer parte das jovens solteiras de Londres é o duque de Rochford, irmão mais velho de Calandra. Ele seria por demais superprotetor com a irmã, impedindo que outros homens chegassem perto para fazer à corte a Lady Calandra. Calandra, também conhecida como Callie, faz sua primeira aparição no livro quando está a caminho de um baile a fantasia.

Com 23 anos de idade, Callie, como era conhecida pela família e amigos, já havia participado de cinco temporadas. Assim, um baile em Londres, especialmente um oferecido por uma parenta idosa, normalmente não seria motivo de excitação para ela. Entretanto, acabara de passar muitos e longos meses em Marcastle, uma das propriedades rurais da família Lilles, os quais haviam se tornado ainda mais enfadonhos por um número extraordinário de dias chuvosos e a presença constante da avó.²⁷

Não fica difícil saber que esse baile trará os acontecimentos que irão permear toda a história do livro. Será nesse baile a fantasia que Calandra irá conhecer um de seus pretendentes. Contudo, como é um baile a fantasia, entra em regra a grande magia do século XIX: o esconder e mostrar que Perrot nos fala. Esconde-se sua identidade e com isso mostra-se um comportamento mais liberal.

Nossa protagonista, ansiosa pela possibilidade de diversões e danças, pensa cuidadosamente sobre a vestimenta que melhor lhe cairia:

²⁷ CAMP, Candace. **Bodas de Desafios**. Rio de Janeiro: Editora HR Ltda. 2008. p. 5.

Depois de pensar cuidadosamente nas muitas opções e discutir o assunto com sua costureira, decidiu se vestir como uma dama do reinado de Henrique VIII. Não apenas a apertada touca Tudor ficava muito bonita nela, mas a profunda cor carmesim do vestido era a ideal para lhe realçar os cachos negros e a pele muito branca... além de ser uma mudança muito bem-vinda do eterno branco ao qual uma jovem solteira, como ela, ficava limitada.²⁸

O baile à fantasia proporcionou uma fuga das regras quanto as vestimentas que as mulheres, e talvez os homens, estivessem sempre submetidos. É uma maneira de ser escandaloso sem causar um escândalo verdadeiro na alta sociedade.

E são justamente essas maneiras escandalosas que vamos notar em Calandra, quando subitamente fixa seu olhar em um homem, que mais tarde descobriremos ser o conde de Bromwell, por um tempo que excede o apropriado para uma moça decente. Camp descreve a situação como

Um homem estava em pé, encostado em um dos pilares que se alinhavam de cada lado do salão. Parecia muito à vontade, de uma forma negligente, os braços cruzados, um dos ombros no pilar. Usava a fantasia de um Cavalier, o chapéu de abas largas preso de um lado da cabeça e, do outro, uma pluma longa descia em direção ao rosto. Luvas de pelica lhe cobriam as mãos e o começo dos braços. A calça, de um castanho-claro, estava dentro de botas elegantes, que terminavam bem abaixo dos joelhos, e leves esporas douradas circundavam os tornozelos. Acima da calça, usava um gibão da mesma cor, sem nenhum ornamento, e sobre ele, uma capa curta, amarrada casualmente no pescoço. Uma espada fina e elegante pendia da cintura.

Podia ter saído de um quadro com os nobres que haviam lutado e morrido por seu rei, o infeliz Carlos I, elegante, magro e com uma aparência perigosa. A máscara escura, que lhe escondia a porção superior do rosto, aumentava o ar de romance e mistério que o circundava. Observava o salão com uma expressão arrogante e levemente enfadada, então seus olhos encontraram os de Callie e pararam.

Ele não se mexeu nem mudou de expressão, no entanto, de alguma forma, Callie soube que ele ficara alerta, de imediato e intensamente. Ela o olhou de volta e quase tropeçou. Um sorriso lento se espalhou pelo rosto dele, que, tirando o chapéu, fez-lhe uma reverência exagerada.²⁹

Do mesmo modo que fica óbvio por essa passagem que o conde de Bromwell será aquele que irá se casar com lady Calandra, fica óbvio que a escritora Camp teria que criar algumas histórias dentro dessa principal para o livro render

²⁸ CAMP, 2008, p.6

²⁹ Ibid., p.20.

mais páginas. Algumas páginas à frente ficamos sabendo que o irmão de Calandra, o duque de Rochford, tem uma desavença com o conde de Bromwell que dura há anos já. Tudo por causa das mentiras e os desentendimentos que Daphne, irmã de Bromwell, disse no passado, na tentativa de separar um casal e fazer um bom matrimônio com o duque de Rochford. Sem entrar em detalhes, Rochford proíbe a irmã de ver Bromwell, mas problemas em uma das propriedades fazem ele se afastar por um tempo de Londres, cidade em que Calandra fica hospedada na casa de Lady Francesca Haughston. E é justamente por estar hospedada com Francesca que Callie pede ajuda para conseguir casar, pois com seus 23 anos já deveria estar casada.

Retomando o diálogo familiar ocorrido antes do baile a fantasia, percebemos como o casamento é algo crucial para as mulheres:

- Está procurado um marido, Callie? – perguntou Rochford, lançando um olhar zombeteiro para a irmã. – É novidade para mim.
- Não, não estou. – respondeu Callie apenas, com a voz sem expressão.
- É claro que está – contradisse a avó. – Uma jovem solteira está sempre procurando um marido, admita ou não. Você não é mais uma menina na sua primeira temporada, minha querida. Tem 23 anos e praticamente todas as jovens que debutaram na mesma temporada que você já estão comprometidas...³⁰

Deste modo, Francesca aceita ajudar Calandra em sua busca por um marido. Aproveitando que o duque de Rochford encontra-se fora e que ambas estão sob o mesmo teto, a tarefa torna-se mais fácil de ser realizada. Calandra frequentará mais eventos sociais em Londres e terá a permissão para que Bromwell a visite em sua casa – claro que pelo tempo apropriado para as visitas durarem – mesmo que isso signifique desobedecer às ordens de seu irmão.

Lady Calandra é o que muitos chamariam de uma moça de bom coração, por isso não percebe que Bromwell e sua irmã, inicialmente, só desejam-lhe o mal e arruinar sua reputação. Como vingança pelo que aconteceu no passado, ambos pretendem que o nome dos Rochford não seja mais bem visto na alta sociedade. Contudo, por se tratar de um romance, Bromwell acaba se apaixonando por Callie e não lhe deseja mais o mal, ao contrário de sua perniciosa irmã.

³⁰ CAMP, 2008, p.9.

Daphne monta uma armadilha para Calandra, onde sua reputação estaria arruinada: passar uma noite inteira sozinha com Bromwell. Assim como todos os demais envolvidos, Calandra cai na armadilha e só consegue manter sua reputação intacta graças aos pensamentos rápidos de Francesca. No entanto, isso serviu de alerta para Bromwell, que acaba por descobrir que Daphne inventara muitas mentiras sobre seu passado, e que ele odiou a família de Rochford sem um motivo concreto.

Então, após todo o drama que se passou no livro, o final óbvio acontece:

Francesca olhou em volta do salão de baile da Lilles House, decorado com o que pareciam ser todas as flores de primavera num raio de 75 quilômetros de Londres e ocupado por metade do ton. Mais cedo, a catedral também estava lotada para a cerimônia. Não era uma surpresa. Aquele era, afinal, o casamento do ano. Não era todos os dias que a irmã de um duque se casava, especialmente a única e muito amada irmã.³¹

Vemos então que Calandra atingiu no final o seu objetivo quando ficou hospedada em Londres na casa de Francesca: um marido. E mais do que isso conseguiu um casamento por amor e não por necessidade de ligações familiares. Mas por se tratar de uma série com quatro livros, ao final do terceiro vemos o gancho para o último livro. A viuvez de Francesca já era conhecida desde o primeiro livro, mas a relação dela com o duque de Rochford vai sendo melhor explicada ao longo da série, até que no epílogo deste volume é nos dito que Rochford e Francesca foram noivos no passado. Assim encerra-se o livro que é dedicado a Calandra e irá começar um dedicado a Francesca.

2.5 Francesca Haughston: a viuvez bem-vinda

Finalmente a mulher, ainda jovem, viúva que ajuda tantas outras a se casarem terá um livro para chamar de seu.

Francesca nunca escondeu o fato de gostar da sua situação de viúva. Nunca teve filhos e sua situação financeira muitas vezes é difícil de esconder da alta sociedade, mas casar-se novamente é uma coisa que ela não cogita jamais.

³¹ CAMP, 2008, p. 409.

A mulher estar sozinha em decorrência da morte do marido não era algo tão incomum. “No recenseamento de 1851, elas somam 46% com mais de cinquenta anos, com 12% de solteiras e 34% de viúvas; as proporções são as mesmas em 1896.”³² Ainda que a personagem ficcional Francesca não se encaixe nesses dados devido a sua idade ser inferior a cinquenta anos, podemos ver que o não casar-se novamente não era tão incomum assim no século XIX. O papel de viúva era mais bem visto na sociedade do que o de solteira.

Neste último livro da série ficamos conhecendo mais sobre o passado da melhor casamenteira ficcional dos livros. Francesca era noiva do duque de Rochford quando nova, contudo, devido algumas intrigas que ocorreram no passado ela acreditou que o duque a havia traído e por isso rompeu o noivado. Após isso se casou com o senhor Haughston, igualmente nobre ainda que não na posição de duque. Com Haughston teve uma breve vida de casada, pois o mesmo falece a deixando viúva muito cedo, sem filhos e com dívidas enormes devido seus vícios masculinos.

Por ter tido uma experiência ruim com o matrimônio, lady Francesca não deseja casar-se novamente, apesar da irônica função de casamenteira que assume para se sustentar. Contudo, ao descobrir as armações em seu passado que a fizeram romper com o duque de Rochford, ela decide arrumar uma esposa para ele. É em cima dessa trama que Camp irá trabalhar.

Francesca então irá selecionar entre as moças nobres em idade de casar, aquela que seria considerada adequada para se tornar uma duquesa. De todas as opções disponíveis na temporada, três foram selecionadas como as mais adequadas ao posto. Todavia, a primeira escolhida logo é mostrada como apenas mais uma interessada no título que Rochford possuía, pois ao irem ao teatro, queixa-se da carruagem:

- Ah, quer dizer que não veio na carruagem ducal?

O olhar de Rochford saltou para Francesca, que estava sentada ao lado da janela da carruagem, observando-os, e ele ergueu uma das sobrancelhas com ironia. Francesca teve de levar uma das mãos à boca para disfarçar o sorriso que ali aparecera.

- Não, *milady*, receio que minha avó use a carruagem com o brasão. Contudo, ainda assim, considerando que ela me pertence, acho que não há problemas em chamarmos esta de a carruagem ducal.

Lady Althea lançou-lhe um olhar ligeiramente confuso.

³² PERROT, 2009, p. 278.

- Sim, é claro, mas como é que as pessoas vão saber disso?³³

Ainda que lady Haughston queira uma dama que tenha o porte necessário para uma duquesa, a falta de humor e excessivo orgulho de lady Althea a tornarão imprópria para tal empreendimento que Francesca adotou. Além de um bom casamento, Francesca deseja para seu antigo noivo a felicidade, e para isso espera que um amor possa nascer no matrimônio. Com Althea isso dificilmente aconteceria pela incompatibilidade de personalidades.

Das outras candidatas selecionadas, apenas algumas serão consideradas mais compatíveis, pois algumas serão consideradas muito maçantes ou muito novas. Para o duque, com seus 38 anos de idade, uma jovem debutante em sua primeira temporada, mesmo que sua família fosse tradicional e livre de máculas, era muito enfadonha. Na verdade, a única candidata que o duque desejava era sua antiga noiva. Com o passar das páginas Camp irá mostrar que na verdade Sinclair, o duque de Rochford, e Francesca desejam ter aquilo que se perdeu no passado por causa de mentiras e intrigas. E como todo bom romance, obviamente eles passaram por algumas provações, mas no final conseguiram aquilo que mais desejavam:

- [...] Achei que pudesse sutilmente conquistá-la com a desculpa de deixa-la encontrar uma esposa para mim.
 - Quer dizer que, em vez de fazer a corte às moças...
 Ele assentiu.
 - Eu estava tentando lhe fazer a corte.
 Francesca não conseguiu conter uma risadinha.
 - Como somos bobos! Os dois.
 - É. Acho que somos mesmo. – Ele a tomou nos braços. – Amo você, Francesca, mais do que qualquer um ou qualquer coisa neste mundo. Quero me casar com você.³⁴

Além do casamento, no epílogo ficamos sabendo que o duque de Rochford ganhará um herdeiro. Se antes, ainda no primeiro casamento de Francesca, era dito que ela não engravidaria de novo após ter sofrido um aborto, agora ela foi capaz de conceber e dar a luz a um menino. Um herdeiro varão para Sinclair, podendo assim passar o ducado adiante. Ainda no epílogo ficamos vendo que Calandra, Constance e Irene, as protagonistas dos três livros que antecederam este, encontram-se exultantes de felicidade agora que estão casadas e conheceram a maternidade. Calandra, em dado momento do livro, admite que:

³³ CAMP, Candace. **A dança da corte**. Rio de Janeiro: Editora HR Ltda. 2009. p. 79.

³⁴ Ibid., p. 398.

- Está feliz, não está? – perguntou Francesca, os olhos examinando o rosto da amiga.
- Incrível e maravilhosamente feliz – respondeu Callie. – Se eu soubesse que ia gostar tanto da vida de casada, já teria me casado anos atrás.³⁵

Deste modo Camp irá encerrar essa sua série, mostrando que o casamento, ainda que todos estes fundados nas bases do amor recíproco, é a verdadeira fonte de felicidade para as mulheres, independente de quais fossem suas convicções passadas. Sendo assim a autora enuncia a sua concepção de ser mulher e da forma que a mesma pode atingir a felicidade. É através do exemplo de quatro personagens ficcionais dessa série que Camp demonstra o seu pensar sobre a figura feminina e seu papel na sociedade.

Com uma compreensão maior dos conceitos atribuídos para a figura feminina no século XIX e nos livros de Camp, poderemos agora analisar o matrimônio e os ritos que o acompanham, além de buscar entender porque a autora cria esse imaginário em suas obras para ressaltar a essência que ela acredita ser verdadeira para a mulher: uma esposa.

³⁵ CAMP, 2009, p. 172.

3 Se alguém tem alguma coisa para falar sobre casamento, que fale agora ou cale-se para sempre

*“No casamento, cada pessoa deve realizar a função que lhe compete. O homem deve ganhar dinheiro, a mulher deve economizar.”
(Martinho Lutero)*

Se anteriormente foram analisadas as mulheres ficcionais criadas por Candace Camp na sua série de livros denominada “As Casamenteiras”, agora será analisada uma instituição comum em muitas sociedades: o matrimônio. A análise das personagens femininas dos livros de Camp se deu para que pudéssemos entender melhor o que a autora está nos dizendo ao tratar do casamento no cenário londrino do século XIX. Tentamos entender a imagem que a autora cria para quatro distintas mulheres que possuem um ponto principal comum entre si: o casamento.

Assim como o termo mulher, visto anteriormente, o casamento também é uma invenção da sociedade burguesa. Normalmente nos países ocidentais, a imagem que se tem de um casamento é a união de um homem e de uma mulher no âmbito civil e religioso. Entretanto, por se tratar de uma criação do ser humano, a ideia de casamento é distinta para cada sociedade e para cada tempo histórico.

O matrimônio pode se dar entre duas pessoas de sexo diferente, do mesmo sexo, entre mais de duas pessoas e até com uma pessoa apenas (o casar-se consigo mesmo). A ideia de um casamento varia principalmente de acordo com a religião. Para a religião islâmica é natural existir mais de uma esposa para um mesmo marido. Em contra partida, é ressaltado por Elizabeth Gilbert em sua mais recente obra *Comprometida*, que por muito tempo os cristãos repudiaram a ideia do casamento, pois este levava ao sexo e as impurezas. Era mais sábio converter os pagãos ao cristianismo do que se render a fornicação e ao pecado para gerar novos fiéis. Já para as antigas sociedades hebraicas, os sacerdotes tinham a obrigação de se casar.

Como dito antes, a instituição do matrimônio é uma invenção da sociedade, e por isso envolve as mais distintas pessoas, independente da idade, sexo, peso, etnia e demais características físicas e culturais. E se a variação das pessoas envolvidas é grande, os motivos que os levaram a realizar esse rito de passagem também o é.

Hoje, em muitas sociedades, o amor é o principal motivo pelo qual as pessoas se casam. Mas essa ideia romântica sobre o casamento é um tanto o quanto recente se analisarmos a história dos homens. Um casamento religioso, com uma noiva em um vestido deslumbrantemente branco e vaporoso irá se dar com a rainha Vitória no século XIX. É nessa época que vemos a ascendência do amor no casamento, porque, conforme nos diz Yalom

A felicidade conjugal era uma necessidade para todas as pessoas, inclusive para a rainha. E, a julgar pelas cartas e discursos públicos escritos e o tipo de comportamento adotado por ela, Vitória realmente parece ter sido muito feliz no casamento, até a morte precoce de seu querido Alberto, quando se tornou uma viúva triste, de luto por cerca de cinquenta anos.³⁶

Há quem diga que os livros de Jane Austen inspiraram a rainha Vitória para essa ideia romanceada de matrimônio. Contudo, antes do século XIX e de heroínas como Elinor Dashwood e Lizzy Bennet – criadas pela autora Jane Austen – outros motivos encorajavam os jovens a irem até o altar. Dinheiro, títulos de nobreza, terras e ascensão social e econômica foram os motivos principais que levavam as pessoas a se unirem em casamento. Os pais buscavam um parceiro com situação econômica igual ou melhor que a sua para que pudessem casar seus filhos. Yalom ainda diz que:

No passado, a maioria dos casamentos estava ligada mais a romances baseados no interesse econômico do que nos sentimentos do coração. Os homens se casavam com mulheres que tinham dotes; as mulheres se casavam com homens que podiam sustenta-las. Desde os tempos bíblicos até a década de 1950, era responsabilidade do marido sustentar sua esposa. Em troca, ela deveria oferecer sexo, gerar filhos e realizar as tarefas domésticas. Uma situação tacitamente subentendida pelas duas partes, mas também documentada dentro da lei religiosa e civil.³⁷

Sendo o interesse econômico o principal motivador do casamento, muito se diz que o mercado do matrimônio se agitava em períodos em que doenças dizimavam parte da população. Elizabeth Gilbert, ao fazer uma pesquisa sobre o casamento, afirma que as tragédias que a Peste Negra causou para boa parte da população trouxeram também oportunidades de ascensão social e econômica. Com

³⁶ YALOM, Marilyn. **A História da Esposa: da Virgem Maria a Madonna**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2002. p. 212.

³⁷ Ibid., p.15.

número crescente de viúvas e viúvos, todos buscavam se casar bem com alguém que tivesse propriedades e dinheiro. A ideia de jovens rapazes desposarem viúvas ricas e de idade avançada não era absurda, mas sim, incentivada pela família.

Se o homem era o responsável por sustentar a família (sua esposa e filhos), a mulher era responsável por cuidar do lar (fosse realizando as tarefas domésticas, fosse supervisionando os empregados realizarem as tarefas), dar prazer ao seu marido e gerar seus filhos. Em outras palavras, a mulher nascia para cumprir dois papéis na sociedade: esposa e mãe. Beauvoir reafirma essa ideia ao dizer que

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição.³⁸

Se a função da mulher era ser esposa e mãe, caso não a desempenhasse bem, seu marido poderia puni-la com uma vara, desde que esta não excedesse a espessura de seu polegar, é o que nos diz Yalom. Yalom ainda diz que “A lei comum da ‘regra do polegar’ [...] durou muito tempo em diversos lugares da Inglaterra e da América no século XIX”³⁹. O castigo corporal infligido às mulheres foi comum em muitas sociedades ocidentais e orientais. Ainda hoje existem agressões contra as mulheres e esposas de forma legal e garantida por lei.

Ainda sobre o papel da mulher dentro do casamento, é dito que quando a esta recai a maternidade pode desagradar ao marido. O homem passaria a enxergar mais a figura de “mãe” do que de “esposa”, visto que o tempo e os recursos gastos com os filhos superariam aqueles que ela dedicaria ao marido. Mesmo que contraditório, não era incomum homens que deixavam de ver suas esposas como mulheres e passavam a enxergar nelas apenas a imagem de mãe de seus filhos.

Além do papel de esposa e mãe, muitas mulheres tiveram que assumir o papel da trabalhadora. Ainda que fosse do homem a responsabilidade de sustentá-la, para pessoas de classes sociais mais humildes as mulheres deveriam trabalhar para ajudar no sustento da família. Contudo, no momento em que está casada, o seu salário não lhe pertence, mas sim, ao seu marido. A mulher não era dona de

³⁸ BEAUVOIR, 1955, p. 165.

³⁹ YALOM, 2002, p.16.

propriedades ou quaisquer bens materiais, todos, inclusive o que trouxe em seu enxoval, pertenciam ao seu cônjuge.

Hoje em dia, é claro, se espera que a mulher seja parceira não apenas nas atividades domésticas, no sexo e na geração de descendentes, mas também que participe do sustento da família. Atualmente não é incomum ver esposas ganhando mais em seus empregos que seus maridos, algo que seria inconcebível décadas atrás. Parece que atualmente temos outras preocupações quando se fala em casamento, como, por exemplo, quem fará o papel de esposa em um casamento gay. O que quero dizer é que com o tempo essa instituição vai mudando e se adaptando ao que a sociedade precisa. Um outro exemplo desta adaptação é que casais que moram juntos por determinado período, sem estarem efetivamente casados, serão vistos pela lei com iguais direitos que esposas e maridos. O morar junto hoje é permitido e garante os mesmos direitos que o morar junto casados, algo que jamais aconteceria nos séculos passados.

Sendo a história do matrimônio algo muito amplo e complexo, quero aqui delimitar períodos e locais para estudar com mais clareza esse rito. Os costumes ingleses do século XIX serão analisados, pois assim ficará mais claro entendermos o que as personagens ficcionais de Camp passaram em sua trajetória rumo ao altar. E além de entendermos o contexto ao qual estão inseridas as heroínas de Camp, poderemos entender o motivo da escolha dessa época e dessas mulheres para uma reafirmação da verdadeira essência da mulher e para o destino ao qual não se pode escapar.

3.1 Os ritos matrimoniais do século XIX

A Igreja Católica representa a religião que se tornou predominante nas sociedades ocidentais por muito tempo. Se a Igreja, em torno do ano 1215 assumiu o controle do casamento – apesar da sua restrição anterior à um rito de passagem que levava a fornicção e, conseqüentemente, ao pecado –, nos anos 1800 o ritual continuou existindo de forma predominante nas sociedades. Inclusive, como foi visto no capítulo anterior, o fato de não casar-se era visto com desagrado em especial para as mulheres.

No século XIX, como já foi falado antes, o casamento era motivado pelo dinheiro. Apenas no final do século que o amor terá uma importância maior. No entanto, mesmo sendo compromissos pensados pelo lado econômico, uma série de regras era imposta aos jovens que fossem participar do mercado matrimonial. Uma das regras se dizia respeito a questão do cortejo. Marilyn Yalom lembra que segundo a etiqueta da época, o homem seria o primeiro a escrever uma carta para sua suposta pretendente. Após isso, se os pais assim permitissem, a moça poderia lhe responder a carta, lembrando sempre que as mulheres “[...] não podiam demonstrar os seus sentimentos até que o homem declarasse os seus.”⁴⁰

Ainda sobre as cartas que os jovens trocavam antes do casamento, estas deveriam ser bem guardadas e devolvidas caso um noivado fosse rompido. As mulheres deveriam estar atentas sempre ao seu comportamento para não realizar nenhum escândalo, pois caso fossem alvo de fofocas da sociedade, suas reputações estariam arruinadas e jamais voltariam ao mercado matrimonial. Outra atividade que condizia com os costumes da época eram as visitas. Homens e mulheres, em especial da alta sociedade por disponibilizar de tempo livre enquanto os menos afortunados deveriam trabalhar, faziam visitas aos amigos. As mulheres eram as principais responsáveis pelas visitas e deviam seguir o que a etiqueta de bons costumes mandava. Não é a toa que muitos manuais e guias direcionados às mulheres (em especial as esposas) começaram a surgir por volta de 1830. As regras das visitas eram diversas, sendo algumas citadas por Anne Martin-Fugier:

As ocasiões de visita são múltiplas: visitas ‘digestivas’, nos oito dias que se seguem a um jantar ou um baile para o qual se foi convidado, quer a pessoa tenha ido ou não; visitas ‘de cortesia’, três ou quatro vezes por ano, às pessoas com que se pretende manter algumas relações, sem ir além disso; visitas de felicitações (por um casamento, um cargo importante, uma condecoração), de condolências, de cerimônia (aos superiores, uma vez por ano; considera-se que a esposa deve acompanhar o marido), visitas de despedida e de retorno, antes e depois de uma viagem, para evitar incômodos a pessoas que poderiam aparecer durante tal ausência...⁴¹

Quando uma visitação não se concretizava por não encontrarem em casa os seus moradores, Martin-Fugier diz que era de bom tom deixar um cartão com os

⁴⁰ YALOM, 2002, p.206.

⁴¹ MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 190.

empregados. Este cartão, é claro, deveria ser dobrado ao meio ou na ponta, simbolizando que fora a própria pessoa entregar e não um de seus criados. Além das visitas, as senhoras da alta sociedade poderiam se dar ao luxo de participar de mais uma atividade durante seus dias: a filantropia. Nessa época existia um ditado popular que dizia: “[...] marido e esposa são uma só pessoa, e esta pessoa é o marido.”⁴², sendo assim entende-se o motivo da mulher casada precisar seguir um conjunto de regras para ser bem vista na sociedade. No entanto, antes de se tornar esposa de alguém, a mulher precisa enfrentar o mercado casamenteiro.

No século XIX era comum a existência de bailes brancos. Esses bailes eram organizados especialmente para as moças e para os rapazes com intenções de achar marido e esposa, respectivamente. Esse evento ficou conhecido pela cor branca por se tratar da cor predominante nas roupas das damas apresentadas à sociedade, simbolizando sua inocência e virgindade. Nestes bailes, a mãe das damas sempre lhe acompanhavam, ou na falta desta uma outra mulher respeitável e responsável pela dama, para garantir o decoro. Martin-Fugier diz que para as mães, além de garantir o decoro, estava nas suas funções “[...] avaliar os dotes e comparar os partidos presentes.”⁴³

Uma moça que passasse três anos como solteira após ter sido apresentada à sociedade era alvo de fofocas e especulações quanto a sua beleza, virtude e seu dote. Para as mulheres, casar no ano em que é apresentada para a sociedade era fundamental, a menos é claro que fosse considerada muito jovem ainda para o matrimônio, neste caso não haveriam problemas quanto a não concretização do casamento logo no primeiro ano em que faria parte da sociedade. Aqui já há uma diferença entre o que a autora Candace Camp escreve e o que era dito de bom tom no século XIX. As heroínas de Camp já haviam passado da idade de se casar – menos a viúva casamenteira das demais – e suas reputações estavam intactas.

Outro tópico que foge do contexto histórico é a duração do período que antecede o casamento. Camp retrata em suas obras que os noivados deveriam durar cerca de seis meses, para não levantar suspeitas caso o casamento se desse de forma apressada. A insinuação de uma gravidez poderia sair das línguas mais ferinas caso os noivos não respeitassem o tempo estipulado de noivado. Já Martin-Fugier nos diz que um noivado de dois meses já seria conveniente, visto que daria

⁴² YALOM, 2002, p.215.

⁴³ MARTIN-FUGIER, 2009, p.218.

tempo de fazer os devidos preparativos e o noivo poderia fazer a corte todos os dias do noivado, fazendo com que o futuro casal tenha tempo de sobra para se conhecer.

Martin-Fugier ainda diz que era permitido que o noivo fizesse a corte visitando sua futura esposa durante todos os dias, desde que fossem acompanhados pela mãe ou algum outro parente da noiva, para manter o decoro. Caso o noivo fosse rico, enviaria flores brancas para sua noiva durante todo o noivado. Enviar flores brancas para a futura sogra também era aceitável. Contudo

No final do século, as flores destinadas à noiva já não se restringem à cor branca tradicional. Segundo um costume oriental, vão avermelhando aos poucos, até que, na véspera do casamento, chegam ao púrpura, símbolo de um amor ardente. Os manuais de etiqueta declaram que essa nova moda é do mais extremo mau gosto.⁴⁴

Os casamentos se davam no verão – resultado de algum encontro nas viagens ao castelo ou balneários – ou no inverno – resultado de bailes e encontros em concertos – mas igual seguiam uma tradição. Antes que a cerimônia de casamento se concretizasse, era necessário fazer os acertos finais do contrato, onde o dote seria discutido. Esse contrato poderia ser firmado no notário ou na casa dos pais da noiva, mas o certo é que o casal deveria assumir um ar distraído enquanto a leitura do contrato e as assinaturas eram colhidas, para não dar uma impressão de que os pensamentos estariam no dinheiro envolvido nesse compromisso que estariam estabelecendo.

Ainda sobre o dote, uma parte quase insignificante deste de cada um dos noivos consistia no enxoval para as mulheres e na corbelha para os homens. A moça ficava responsável pelas suas roupas pessoais, a roupa de cama, mesa e banho do casal. As roupas que seriam usadas na casa deveriam ter bordados com a letra inicial da família dos noivos (primeiro a família do futuro marido). O custo do enxoval variava de acordo com seu tamanho, podendo ser de “[...] 2 mil francos, se for modesto – três dúzias de cada artigo: lençóis, fronhas, toalhas, guardanapos, aventais etc. –, e 25 mil francos, se for muito rico – aí, são doze dúzias de cada artigo.”⁴⁵. Já a corbelha seria uma caixa cheia de mimos que o noivo entregaria para sua noiva no dia da assinatura do contrato de casamento. Entre os mimos estariam joias – modernas ou relíquias de família – e frascos de perfume.

⁴⁴ MARTIN-FUGIER, 2009, p.220.

⁴⁵ Ibid., p. 222.

Esses detalhes que tratam do lado econômico do casamento não são mostrados nos livros de Candace Camp, onde apenas são relatados o quão ansiosos os noivos estariam para começar a sua vida enquanto casal. O lado financeiro e frio do matrimônio, onde nada se fala de sentimentos, mas sim de valores de dotes e se são aceitáveis ou não, Camp omite, deixando o leitor com a falsa impressão de que os casamentos eram motivados unicamente pelo amor que os jovens sentiam entre si.

Assim como acontece em muitas sociedades nos dias de hoje, no século XIX o casamento acontecia no civil e no religioso. Normalmente, ambos poderiam ocorrer no mesmo dia, mas para evitar atrasos, o casamento civil acontecia cerca de dois dias antes do religioso. O casamento civil costumava ser gratuito, mas era de bom tom as famílias oferecerem uma contribuição que seria distribuída aos mais pobres. Martin-Fugier relata que “A cerimônia de casamento é, sem dúvida, o rito privado mais público.”⁴⁶. As notas que saíam nos jornais se tornavam responsáveis por espalhar a notícia de que a cidade possuía um novo casal.

Após o casal se tornar oficialmente marido e mulher, poderiam sair em viagem de núpcias ou se instalar na casa que dividiriam e começarem a receber as visitas de congratulações. Todavia, o certo é que a partir da cerimônia de casamento a premissa de que “Uma verdadeira esposa, na casa de seu marido, é sua criada; é no coração dele que ela é rainha.”⁴⁷ começaria a funcionar.

Neste contexto, enquanto solteira, a mulher depende exclusivamente de seu pai, ou na falta deste, de algum membro da família desde que seja homem. Quando casa, a mulher passa a depender de seu marido. Ela não pode possuir propriedades, riquezas ou participar de negócios, ficando a mercê do homem que a representa. Sobre isso, Hall nos diz que

As mulheres casadas nunca tinham tido o direito de firmar contratos, de abrir ou receber processos, de ter parte num negócio. Seu estatuto jurídico tornava os maridos responsáveis por elas perante a lei. Não possuíam existência jurídica independente. Apenas as solteiras ou viúvas podiam ingressar nos negócios em nome próprio, o que ocorria frequentemente por ocasião da morte do marido ou do pai.⁴⁸

⁴⁶ MARTIN-FUGIER, 2009, p. 225.

⁴⁷ YALOM, 2002, p.211.

⁴⁸ HALL, 2009, p. 58.

Justamente sobre este tópico Camp nos escreve no segundo livro de sua série “As Casamenteiras”, onde a heroína Irene Wyngate fala das injustiças da mulher casada estar submissa ao seu marido, visto que por si só não pode se representar na sociedade. Estando casada, o dinheiro que receberia – seja uma mesada, herança ou salário – pertenceria automaticamente para o seu marido. Isso nos lembra que as mulheres oriundas de classes sociais menos favorecidas precisavam ajudar seus maridos na renda familiar: fosse em um trabalho externo, fosse no empreendimento do marido. Uma mulher trabalhadora só era aceitável nas classes sociais mais baixas, pois a alta burguesia deveria ter a figura do homem e marido como o provedor de todas as necessidades da casa.

No mundo do trabalho, Hall nos esclarece, os homens possuíam a chance de buscar uma qualificação, o conhecimento de uma profissão antes de exercê-la. Já para as mulheres que necessitassem adentrar no mercado de trabalho, aprenderiam seu ofício já o exercendo, sem ter nenhum tipo de estudo ou capacitação anterior. Contudo, mesmo dentro do mercado de trabalho, homens e mulheres ocupavam lugares distintos. A mulher de um negociante poderia cuidar da loja e ajudar nas vendas, mas as compras e a quitação de contas, bem como qualquer atividade em bancos, era serviço destinado ao marido. Hall nos cita o exemplo de Elisabeth Cadbury que

[...] ajudava na loja quando se fazia necessário um auxílio suplementar; cuidava dos negócios quando o marido se ausentava, e mantinha a casa para um grande grupo de pessoas, que compreendia os aprendizes e as vendedoras, além da família propriamente dita. Ela teve dez filhos em seus primeiros quinze anos de casada; oito sobreviveram, e sua mãe idosa veio morar com eles.⁴⁹

O fato de trabalhar fora não isentava a esposa de suas obrigações no lar. Cuidar da criação dos filhos e da manutenção da casa ainda compunham suas funções como esposa. Hall nos diz que os operários do século XIX esperavam que as esposas fossem boas senhoras do lar, sendo deste modo excelentes donas de casa. A única ambição aceitável para as mulheres deste século estudado era o de se tornarem boas esposas e boas mães, ou seja, garantir sucesso nas duas únicas obrigações as quais estavam destinadas desde seu nascimento.

⁴⁹ HALL, 2009, p. 57.

Em relação ao trabalho que as mulheres poderiam empreender, estes não deveriam fugir de sua figura feminina. Realizar trabalhos como empregada doméstica ou costureira era aceitável por se tratar de um prolongamento de seu papel como mulher. A imagem que se tinha, apesar da necessidade financeira, era de que “[...] uma burguesa que trabalhasse para ganhar dinheiro não era feminina.”⁵⁰. O trabalho da mulher em determinados locais era alvo de escândalos, principalmente se o ambiente era misto – ou seja, coexistindo no mesmo espaço trabalhadoras e trabalhadores. A comunidade evangélica ficava horrorizada com casos assim.

Outro fator que causava espanto e horror para os mais tradicionais era a questão do divórcio (extinto em 1816 e restaurado apenas em 1884) e a separação dos corpos. Marilyn Yalom escreve dizendo que o divórcio não era tão comum no século XIX como o é hoje no século XXI. Poucas mulheres pleiteavam divórcios nessa época. Um dos motivos causadores disso era a quantia exorbitante de novecentas libras exigida para entrar com um pedido desses. Como já vimos, as riquezas e propriedades de uma mulher pertenciam ao seu marido, sendo assim, ela precisaria pedir-lhe o dinheiro para entrar com a ação do divórcio ou recorrer a amigos e familiares. Normalmente o divórcio, por parte das mulheres, era solicitado pelas agressões físicas do marido. Estas agressões por parte dos homens aconteciam quando eles julgavam suas esposas “[...] gastadeiras ou as donas de casa relapsas.”⁵¹. O fato da comida não estar pronta e o fogão estar apagado foi o que motivou um marido a matar sua esposa com pancadas violentas, relata Perrot. Mas, supondo os casos em que as mulheres conseguiram entrar com o divórcio e o conquistaram no Parlamento, neste momento elas perderiam seus dois papéis principais: o de esposa e o de mãe. A mulher deixaria de ser esposa de alguém ao conquistar a separação de seu marido, porém, poderia perder grande parte de seu papel de mãe, pois “Quanto aos filhos, a custódia legal pertencia ao pai. Em caso de divórcio, mesmo causado por um marido agressivo ou que cometesse adultério, a esposa divorciada poderia ser proibida de vê-los.”⁵²

Para muitos países, neste século aqui tratado, o divórcio era um ato marginal que não deveria se tornar público. Era uma quebra do ideário de família que havia

⁵⁰ HALL, 2009, p. 71.

⁵¹ PERROT, M. Dramas e Conflitos Familiares. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 259.

⁵² YALOM, 2002, p.215.

sido inventado. Demonstrava uma independência que as mulheres não poderiam ter. Dava voz a uma figura que deveria se manter em silêncio e no resguardo de seu lar, em um local privado e não público – lugar do homem. Delegava direitos para quem antes apenas tinha atribuído a si os deveres que a sociedade estipulou. A figura da esposa, aos poucos, foi conquistando maiores liberdades, inclusive asseguradas por leis. Na Inglaterra, em 1870, o “[...] Parlamento aprovou o Ato de Propriedade das Esposas, que atribui às mulheres o controle de sua própria renda e propriedade.”⁵³

Aos poucos, as significações em torno do papel social de “esposa,” adotada por alguns países no século XIX, vai ganhando nova forma. O termo será reinventado para que sua significação possa de fato alcançar as novas necessidades que a sociedade está impondo. O sentido da palavra esposa vai se transmutando, adquirindo novos aspectos que se fazem indispensáveis para a continuidade do termo. Todavia, por se tratar de uma invenção do ser humano e com isso ser algo mutável, a antiga significação não deixa de existir por completo para que a nova tome o seu lugar. Com isso, antigas essências podem ser buscadas e revividas a qualquer instante pelas pessoas que desejam visitar o passado para recriar o seu ideal de presente e futuro.

3.2 Candace Camp: reinventora de essências?

Candace Camp, escritora norte-americana nascida em 1949 no estado do Texas, é a responsável pela criação da série “As Casamenteiras”. Esta série de livros composta por quatro volumes foi analisada no primeiro capítulo deste trabalho sob a ótica do papel da mulher. O ponto comum entre as obras analisadas, como já foi dito anteriormente, é o fato das quatro protagonistas terem suas trajetórias de vida encaminhadas para o matrimônio, ainda que possam não desejar isto inicialmente.

Esta coleção de Camp poderia passar despercebida para um olhar menos atento, entretanto, é curioso o fato de uma mulher nascida no The Lone Star State estar escrevendo sobre uma época que não é sua e seguir um padrão em seus livros. “As Casamenteiras” está situado na Inglaterra do século XIX, sendo deste modo um país e um século diferente daquele onde a autora está situada. Então por

⁵³ YALOM, 2002, p.218.

que Camp se volta para a terra dos colonizadores de seu país para escrever sobre donzelas destinadas a entrar no mercado casamenteiro? Para buscar possíveis respostas dos motivos que levaram Candace a escrever seus livros desse modo, precisamos entender o período que ela nasceu e cresceu. Um século antes de Camp nascer à imagem que se tinha da figura feminina era de que

As mulheres vitorianas eram comumente caracterizadas como os ‘anjos da casa’, espíritos etéreos desprovidos de necessidades sexuais e sensuais, menos fortes e mais ‘puras’ do que os homens. Esta visão foi promovida não apenas pelos romances do século XIX, caracterizados por noivas inocentes e esposas virtuosas, mas também pelos tratados médicos que promoviam a ausência da sexualidade feminina.⁵⁴

Já no século seguinte dar-se-á início a um movimento chamado de revolução sexual. Será em meados do século XX, período em que Camp nascia, que a liberdade sexual, a pílula anticonceptiva e o aborto legal começam a ganhar partidários e adeptos. As mulheres passam a assumir um papel de independência maior sobre si, podendo decidir sobre os papéis que a sociedade lhe impunha. Há um controle maior dos corpos, mas de forma individualizada. Em outras palavras, a mulher passa a ter o controle sobre seu corpo, sua sexualidade, sua vocação para o matrimônio e para a maternidade.

De forma maviosa, uma ideia de casamento centrada na igualdade de direitos começa a surgir. Esse pensamento sobre igualdade entre os sexos começa na virada do século XIX para o século XX, com a chamada Primeira Onda Feminista. O que se buscava era o fim das diferenças sobre as posses de propriedades, acordos contratuais e os casamentos arranjados que não levaram em consideração a vontade da parte feminina envolvida neste rito. Yalom nos ressalta que neste período “As americanas estavam se distanciando do casamento centrado na procriação e indo em direção à união baseada no amor, no companheirismo e no prazer sexual [...]”⁵⁵.

Com o feminismo operam outros movimentos de libertação, como movimentos negros, de minorias étnicas, homossexuais, denunciando outras formas de opressão que não se limitam apenas ao aspecto econômico. Conforme Jacqueline Pitanguy:

⁵⁴ YALOM, 2002, p.325.

⁵⁵ Ibid., p.340.

[...] o discurso feminista, ao apontar para o caráter também subjetivo da opressão, e para os aspectos emocionais da consciência, revela os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública.

Conscientizando-se do fato de que as relações interpessoais contêm também um componente de poder e de hierarquia [...], o feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo. [...] Revela-se também na esfera doméstica, no trabalho, em todas as esferas em que as mulheres buscam recriar as relações interpessoais sob um prisma onde o feminino não seja o menos, o desvalorizado. O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades femininas ou masculinas sejam atributos do ser humano em sua globalidade.⁵⁶

Cabe aqui ressaltar que Pitanguy fala em identidade do sexo quando seria perfeitamente plausível falar em uma identidade de gênero. O gênero mulher, deste movimento feminista, atinge novos patamares e vai adquirindo significações diferentes. É a busca por novas identidades, por novos sentidos que contribuam para que a mulher consiga se enxergar como um indivíduo independente de seu pai e de seu marido.

Pela modificação que acaba ocorrendo com a essência do gênero mulher, as instituições que a cercam foram sendo modificadas. A ideia do matrimônio, como dada no século XIX, vai ganhando outros ares. Um casamento apenas por conveniência econômica não mais satisfaz os envolvidos. Ambos os lados desejam mais, desejam além do que conheciam. Beauvoir nos instiga a pensar ao tratar do matrimônio do século XIX da seguinte forma:

Pelo fato de, em geral, o casamento subordinar a mulher ao marido, é principalmente a ela que se apresenta em toda a sua acuidade o problema das relações conjugais. O paradoxo do casamento está em que é, a um tempo, uma função erótica e uma função social: essa ambivalência reflete-se na figura que o marido assume para a jovem mulher. É um semideus dotado de prestígio viril e destinado a substituir o pai: protetor, provedor, tutor, guia; é à sombra dele que a vida da esposa deve desabrochar; ele é o detentor dos valores, o fiador da verdade, a justificação ética do casal. Mas é também um macho com quem cumpre partilhar uma experiência amiúde vergonhosa, barroca, odiosa, ou revolucionante, contingente em todo caso; ele convida a mulher a chafurdar consigo na bestialidade, ao mesmo tempo que a dirige com firmeza para o ideal.⁵⁷

⁵⁶ ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. p. 8-9.

⁵⁷ BEAUVOIR, 1955, p. 217.

Se os ideais de casamento e as concepções de homem e mulher estavam mudando, por que em sua escrita Candace Camp se volta para o imaginário do século XIX? Seria uma negação para com o contexto em que estava inserida? Uma tentativa de retorno aos antigos valores da sociedade, tão diferentes das mudanças exigidas?

Pode-se supor que Camp não deseje que a mulher volte a ser uma figura silenciosa na sociedade, condenada ao espaço privado sem poder ter voz no âmbito social e político. O que talvez a autora pregue seja a volta do casamento para a constituição do que se tinha como ideário de família. Para alguém que compartilha do matrimônio com o mesmo parceiro há duas décadas, as mudanças que estavam acontecendo nos EUA poderiam ser demasiadas radicais. A libertação da sexualidade da mulher, podendo inclusive decidir-se pelo “homossexualismo”, podem ter feito com que Camp seja mais uma escritora no meio de outras que buscam um comodismo anterior, não precisado assim se reinventar.

Em um estopim de independência e firmeza da mulher em si mesma, Camp pode estar buscando a segurança que um marido do século XIX deveria passar a sua esposa. O cuidado e o aconchego de estar nos braços de um marido provedor pode ser o que a autora busca ao escrever sobre quatro mulheres que acabam encontrando no casamento o real significado de ser mulher. Ainda que não negue, a autora não deixa totalmente explícita a ideia de um casamento onde a mulher seja infeliz. Mesmo com Francesca – personagem central do quarto livro da série – o casamento infeliz durou pouco, sendo seguido de um casamento motivado pelos sentimentos mútuos de amor e adoração por uma paixão da juventude.

Será no casamento que as personagens femininas encontraram a verdadeira felicidade. Apenas quando se tornam esposas, e posteriormente mães, é que chegaram ao ápice de suas vidas, atingindo assim seus propósitos de existência. Camp, mesmo retornando ao século XIX para escrever, demonstra compreensão do meio que vive, desta libertação da sexualidade feminina. Ainda que fale do matrimônio e da importância deste para a vida da mulher, a escritora não castra os desejos carnis das personagens. Muito pelo contrário. Candace Camp retrata que a mulher pode desfrutar dos prazeres terrenos tanto quanto o homem, desde que este seja seu marido ou noivo. A mulher não precisa servir apenas para a satisfação do prazer masculino, mas sim, aproveitar de forma igualitária a relação. Neste sentido parece ainda mais certo acreditar que Camp tenta, com seus livros, restaurar a

imagem do casamento e da figura do marido como protetor da frágil esposa, mas sem negar alguns avanços que as lutas feministas alcançaram.

A mulher pode ter direitos, pode ter opiniões e pode ter prazeres, desde que estes não a desvirtuem do caminho que leva ao altar. Se tiver um bom gênio conseguirá um marido que a ame e escute e, assim, alcançará os papéis para os quais sempre esteve destinada: ser esposa e mãe.

Desta forma suponho que Candace Camp acaba se tornando uma intermediária entre dois séculos, uma centrífuga entre diferentes significações para os mesmos termos. Camp engloba o 'velho' com o 'novo' em uma tentativa de criar o que acredita ser a verdadeira essência da mulher, buscando nos antigos ideais aquilo que julga faltar nos novos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das linhas escritas pretendi demonstrar algumas visões que recaem sobre a figura feminina. Entendermos o sentido da palavra mulher não apenas como o sexo feminino, o corpo que possui os órgãos responsáveis por carregar uma nova vida, mas sim, o sentido da palavra por seu gênero. Ver as mudanças de significações ocorridas ao longo do tempo, o modo como a cultura e período histórico influenciam no modo de entender certos termos. Além disso, demonstrar como novas significações podem ser realizadas por autores de livros que se voltam para um público feminino também fez parte das minhas aspirações ao pensar na construção deste trabalho.

A importância da literatura ordinária, até pouco tempo atrás jamais pensada como objeto histórico, para o campo da História Cultural. Este campo de pesquisa da História denominado de História Cultural vem ganhando mais espaço no meio acadêmico. Neste campo historiográfico a pesquisa e o estudo estão voltados para o lado social dos fatos, ou seja, uma diferente visão da História sem abordar apenas os aspectos políticos e econômicos. Lynn Hunt diz que

[...] os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres.⁵⁸

Esta historiografia está voltada, também, para a história dos menos favorecidos, daqueles que por muito tempo estiveram às margens da sociedade. Ela estará pensando nos ritos, nos costumes, no lado social dos acontecimentos. Por esse motivo ela acabou se voltando para a Literatura e posteriormente para a Literatura Ordinária. Isso abriu um campo maior de pesquisas no qual Maria Teresa Santos Cunha se aventurou para escrever seus trabalhos. É um campo relativamente novo que abre espaço para novos projetos acadêmicos.

Na Literatura Ordinária, o modo como atinge as massas muito mais do que as leituras consideradas mais clássicas – seja por sua narrativa simples, seja por seu custo ser barateado – é de suma importância para o historiador. Cada livro de bolso

⁵⁸ HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992. p. 2

esperando para ser comprado carrega em si muitas significações passíveis de serem analisadas.

Não perceber a importância que os livros que chegam facilmente nas mãos do público, e que acabam por acarretar novas visões de sociedade e de personagens históricos, pode ser arriscado para um historiador que se concentre na vertente da História Cultural que analisa a Literatura. Borges mesmo nos diz que

[...] a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico.⁵⁹

Deste modo, mesmo uma autora de romances açucarados (como diria a professora e doutora M^a T. S. Cunha) possui relevância histórica. Ainda que seus livros não possuam características que evocam uma narrativa política, eles nos dão ideais de figuras tão presentes na sociedade.

Camp, enquanto escrevia e ainda escreve seus romances, não imagina o tanto que suas palavras podem afetar os leitores. Ou ainda possa vir a imaginar e este seja o real motivo de lançar tantas histórias em forma de livros. Todavia, nesse aspecto apenas a autora poderia dizer a razão que a leva escrever e as razões que a inspiram para fazer, em suas obras, uma reinvenção da mulher.

Mesmo que as razões que motivam Camp a escrever sejam complexas, não cabe aqui discuti-las amplamente. O alvo da pesquisa é como essa narrativa pode manipular o imaginário dos leitores – em especial das leitoras, o real público alvo – e recriar sentidos.

A literatura ordinária pode vir carregada de novos sentidos atribuídos em suas palavras e assim condicionar comportamentos. Uma insatisfação por revoluções ocorridas no âmbito da sexualidade e da família pode acarretar em uma horda de novos livros açucarados que tentam retomar antigas essências. Deste modo concluo que Camp, intencionalmente ou não, acaba criando ou ainda retomando uma nova essência de mulher, para assim condicionar o comportamento das suas leitoras para aquele que considera ideal. Uma retomada do matrimônio e da valorização da

⁵⁹ BORGES, 2010, p.98.

mulher como figura protegida pelo homem, é a imagem que Candace Camp retrata em seus livros. É uma reinvenção da essência de termos culturais criados em um ambiente que procuram se revolucionar.

Do mesmo modo que pude analisar as obras de uma escritora que se enquadra na literatura ordinária, outros podem se aventurar nesse campo e aproveitar o grande número de livros lançados diariamente por editoras que se dedicam exclusivamente para esse tipo de obra.

Camp faz uma reinvenção da mulher, mas outros escritores podem estar fazendo novas leituras de outros termos, cabe agora novas pesquisas serem feitas em um campo que está crescendo e tomando seu espaço por direito na historiografia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- BARROS, José D'Assunção. História e Literatura: novas relações para os novos tempos. *Revista de Artes e Humanidades*, <<http://www.revistacontemporaneos.com.br>>, n.6, p. 1-27, mai./out. 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. **Segundo sexo**. São Paulo: Difel, 1955.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. *Revista de Teoria da História*, Goiás, n.3, p.94-109, 2010.
- CAMP, Candace. **A dança da corte**. Rio de Janeiro: Editora HR Ltda. 2009.
- _____. **Aposta no Amor**. Rio de Janeiro: Editora HR Ltda. 2006.
- _____. **Bodas de Desafios**. Rio de Janeiro: Editora HR Ltda. 2008.
- _____. **Conquista do Amor**. Rio de Janeiro: Editora HR Ltda. 2007.
- CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Saberes Impressos: Imagens de Civilidade em Literaturas Ordinárias (os livros de bolso/décadas de 60 e 70 do século XX). in: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*, São Leopoldo, 2007.
- HALL, Catherine. Sweet Home. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.
- MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PERROT, M. À margem: solteiros e solitários. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PERROT, M. Dramas e Conflitos Familiares. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PERROT, M. Figuras e Papéis. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

YALOM, Marilyn. **A História da Esposa: da Virgem Maria a Madonna**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2002.